340. É solene para o Espírito o instante da sua encarnação? Pratica ele esse ato considerando-o grande e importante?

“*Procede como o viajante que embarca para uma travessia perigosa e que não sabe se encontrará ou não a*

*morte nas ondas que se decide a afrontar.*”

O viajante que embarca sabe a que perigo se lança, mas não sabe se naufragará. O mesmo se dá com o Espírito: conhece o gênero das provas a que se submete, mas não sabe se sucumbirá.

Assim como, para o Espírito, a morte do corpo é uma espécie de renascimento, a reencarnação é uma espécie de morte, ou antes, de exílio, de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corporal, como o homem deixa este mundo por aquele. Sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá. Mas, como este com relação à morte, o Espírito só no instante supremo, quando chegou o momento predestinado, tem consciência de que vai reencarnar. Então, qual do homem em agonia, dele se apodera a perturbação, que se prolonga até que a nova existência se ache positivamente encetada. À aproximação do momento de reencarnar, sente uma espécie de agonia.

Kardec pergunta se a reencarnação é um evento tão importante para o Espírito que é considerado por este um momento solene.

E a Espiritualidade responde que o sentimento que toma conta do Espírito é o mesmo que toma o viajante que está prestes a embarcar em uma jornada na qual não sabe se sobreviverá.

Temos recebido das mais variadas fontes a informação de que está cada vez mais difícil reencarnar na Terra. Há 3 vezes mais Espíritos desencarnados no nosso planeta do que encarnados. No mundo inteiro, sobretudo nos países mais desenvolvidos economicamente, os casais estão diminuindo consideravelmente o número de filhos que decidem ter.

Então, conseguir uma oportunidade para reencarnar deveria ser considerado pelo Espírito reencarnante um momento de grande celebração, pois a oportunidade que ele está tendo é desejada por milhares - talvez milhões - de outros Espíritos.

Porém, temos que observar que Kardec perguntou sobre o sentimento que toma conta do Espírito no momento exato - ou pelo menos, em momento muito próximo - em que a reencarnação irá acontecer.

Então, não é que o Espírito não esteja feliz com a reencarnação; é que se trata de uma oportunidade tão valiosa que o Espírito teme falhar.

Com excessão das reencarnações compulsórias, que são aquelas em que o Espírito não se encontra em condições de planejar de opinar sobre o gênero das provas que irá enfrentar, todos nós temos um certo grau de liberdade para escolher as provas pelas quais passaremos quando reencarnarmos.

Então, aquilo que nos aguarda em nossa nova existência, é conhecido por nós. Sabemos, antes mesmo de nascer, quais tipos de desafios e dificuldades enfrentaremos. Não é o desconhecimento do porvir que nos assusta; é a incerteza sobre se triunfaremos ou falharemos diante das novas provas.

Na nota que adicionou à resposta da Espiritualidade, Kardec nos diz que a sensação que o Espírito tem quando é chegado o momento derradeiro de sua reencarnação, é a mesma que toma conta de nós, encarnados, quando soa a hora da morte física.

A diferença é que, por mais que tenhamos medo da morte, ela representa a liberdade do Espírito ao passo que a reencarnação representa um exílio, uma espécie de prisão.

Quem já participou das reuniões de convívio espiritual na FEIG já deve ter visto o irmão Palminha brincando que ele não tem vontade nenhuma de reencarnar, que é para deixar tudo do jeitinho que está: ele do lado de lá, nós do lado de cá.

Embora o Palminha seja brincalhão, certamente ao falar assim ele expressa o desejo de poder permanecer no Mundo Espiritual. Porém, como disse Kardec, assim como nós sabemos que invariavelmente iremos desencarnar, os Espíritos desencarnados sabem que chegará para eles o momento em que precisarão voltar às lides da matéria para darem continuidade ao seu processo de evolução.

341. Na incerteza em que se vê, quanto às eventualidades do seu triunfo nas provas que vai suportar na vida, tem o Espírito uma causa de ansiedade antes da sua encarnação?

“*De ansiedade bem grande, pois que as provas da sua*

*existência o retardarão ou farão avançar, conforme as*

*suporte.*”

Essa pergunta é quase uma confirmação do que foi respondido pela Espiritualidade na questão anterior.

Kardec pergunta se, quando sua nova existência está prestes a iniciar, o Espírito reencarnante sente-se ansioso, já que não tem a certeza de que será bem sucedido nas provas que lhe aguardam.

Naturalmente que a Espiritualidade afirma que essa ansiedade é bem grande pois o Espírito sabe que seu avanço ou sua estagnação dependem do quão bem sucedido ele for na nova existência.

342. No momento de reencarnar, o Espírito se acha acompanhado de outros Espíritos seus amigos, que vêm

assistir à sua partida do mundo incorpóreo, como vêm recebê-lo quando para lá volta?

“*Depende da esfera a que pertença. Se já está nas em que reina a afeição, os Espíritos que lhe querem o acompanham até ao último momento, animam e mesmo lhe seguem, muitas vezes, os passos pela vida em fora.*”

O questionamento de Kardec é se o processo de reencarnação é semelhante ao da morte no sentido de termos junto a nós espíritos amigos a nos auxiliarem na transição.

Sabemos que quando desencarnamos, é comum que amigos e familiares que já se encontram no mundo espiritual nos recebam em nosso retorno àquele mundo.

O mesmo se dá quando vamos reencarnar?

A Espiritualidade responde que depende da esfera à qual pertence o Espírito. A palavra "esfera" aqui não deve ser entendida como mundo e, sim, como faixa vibratória.

Se o Espírito reencarnante cultivou amigos enquanto esteve na erraticidade; se procurou melhorar em tudo o que fosse possível, certamente esse Espírito terá amigos que o amparem e o encoragem no momento em que for reencarnar.

A Espiritualidade também diz que tais amigos podem mesmo acompanhar e assistir o Espírito ao longo de sua nova existência, sendo para ele guias e mentores.

343. Os que vemos, em sonho, que nos testemunham afeto e que se nos apresentam com desconhecidos semblantes, são alguma vez os Espíritos amigos que nos seguem os passos na vida?

“*Muito freqüentemente são eles que vos vêm visitar, como ides visitar um encarcerado.*”

Embora na maioria das vezes nós não consigamos nos recordar exatamente dos nossos sonhos, frequentemente temos experiências das quais nos lembramos ao despertar. Em alguns casos, lembramo-nos de ter encontrado alguém que nos deu um conselho, nos fez uma advertência, nos encorajou a seguirmos firmes em nossa jornada evolutiva.

Obviamente que não nos lembramos de nomes ou fisionomias e o que Kardec pergunta é se tais Espíritos são aqueles que nos acompanharam no momento de nossa reencarnação.

Sim, a Espiritualidade diz que em geral, trata-se daqueles Espíritos. Durante a semi-liberdade espiritual que gozamos durante o sono físico, podemos entrar em contato com esses amigos que velam por nós.

As horas do repouso físico podem ser bastante úteis em nosso processo evolutivo se soubermos dar utilidade a elas. Enquanto o corpo físico repousa, o Espírito desprende-se parcialmente dele e goza de um pouco mais de liberdade se comparado com o estado de vigília.

Durante esse período, se nossas vibrações forem boas e elevadas o suficiente, é possível que tenhamos a oportunidade de nos encontrarmos com esses amigos espirituais que velam por nós.

A comparação da qual a Espiritualidade se utiliza na resposta, dizendo que esses amigos vem nos visitar do mesmo modo com que vamos visitar um encarceirado, reforça a ideia de que, a vida na matéria, é mesmo uma prisão.

Aquele que está preso não pode ir a lugar nenhum. Ele precisa contar com o afeto que amigos que possam e queiram visitá-lo.

O mesmo se dá conosco, espiritualmente falando. Claro que,dependendo de nossa evolução, podemos ir a certos lugares, ver certas pessoas durante o sono físico. Mas o simples fato de estarmos ligados fortemente a um corpo de carne, limita bastante a nossa ação.

Nossos guias e mentores nos conhecem muito bem. Conhecem nossas fraquezas, nossas dificuldades e sabem quando estamos passando por momentos em que corremos o risco de esmorecer, de fraquejar, de desistir.

Em momentos assim, eles fraternalmente vêm até nós trazendo-nos auxílio, esclarecimento. Por isso, as visitas que recebemos desses amigos são uma oportunidade valiosa de ganharmos novo ânimo e seguirmos adiante em nossa jornada.

**UNIÃO DA ALMA E DO CORPO**

344. Em que momento a alma se une ao corpo?

“*A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número*

*dos vivos e dos servos de Deus.*”

De imediato, essa resposta da Espiritualidade nos confirma duas coisas:

1 - Reafirma o que foi dito lá na pergunta 334, quando Kardec perguntou se o Espírito que há de habitar um corpo em formação é escolhido antecipadamente ou somente na última hora é que se define quem habitará o novo corpo. Vejam que a Espiritualidade diz "... o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico". Ou seja: não há escolha aleatória, não há improvisos. Tudo é feito de acordo com um planejamento.

2 - Para aqueles que acreditam que o aborto praticado até certo período da gestação não representa uma morte - alegando que no corpo a ser destruído ainda não há alma -, essa resposta bastaria para provar que aqueles que assim pensam estão totalmente equivocados. Seria um bom argumento a apresentar a essas pessoas, se elas tivessem a capacidade de ouvir, coisa que é muito pouco provável, dada a natureza das ideias que defendem.

Enfim, a explicação que a Espiritualidade nos dá será desenvolvida posteriormente pelo próprio Allan Kardec na obra A Gênese, no capítulo XI - Gênese Espiritual, item Encarnação dos Espíritos.

Nesse item, Kardec descreve de maneira detalhada como ocorre a vinculação do Espírito ao seu novo corpo físico. De maneira resumida, Kardec nos esclarece que à medida que o corpo físico se desenvolve, o laço fluídico que o une o Espírito a ele torna-se cada vez mais forte. Esse laço fluídico nada mais é do que uma expansão do perispírito.

Essa união é um processo complexo em que perispírito e corpo físico se ligam molécula a molécula. Kardec diz que é como se o Espírito enraizasse no corpo físico, assim como uma planta se enraiza no solo em que se desenvolve.

E como disse a Espiritualidade na resposta à Kardec, essa ligação só se completa no instante em que a criança nasce.

[ PROSSEGUIR DESSE PONTO ]

324. Os Espíritos das pessoas a quem se erigem estátuas ou monumentos assistem à inauguração de umas e outros e experimentam algum prazer nisso?

“*Muitos comparecem a tais solenidades, quando podem; porém, menos os sensibiliza a homenagem que lhes prestam, do que a lembrança que deles guardam os homens.*”

Mais uma vez a Espiritualidade enfatiza que os sentimentos prevalecem sobre a forma. Para o Espírito sendo homenageado com o erguimento de uma estátua ou monumento, esse evento só lhe trará alguma felicidade, se as pessoas responsáveis por aquela iniciativa, assim como as pessoas presentes no evento, tiverem bons sentimentos, boas lembranças, bons pensamentos com relação ao homenageado.

A não ser assim, diz a Espiritualidade, a homenagem nenhum bem fará ao Espírito.

325. Qual a origem do desejo que certas pessoas exprimem de ser enterradas antes num lugar do que noutro? Será que preferirão, depois de mortas, vir a tal lugar? E essa importância dada a uma coisa tão material constitui indício de inferioridade do Espírito?

“*Afeição particular do Espírito por determinados lugares; inferioridade moral. Que importa este ou aquele canto da Terra a um Espírito elevado? Não sabe ele que sua alma se reunirá às dos que lhe são caros, embora fiquem separados os seus respectivos ossos?*”

Num primeiro momento a resposta da Espiritualidade pode parecer um pouco dura. Afinal de contas, todos nós temos preferências por certos lugares.

Pessoas que são de uma determinada cidade e mudam-se para outra, quando percebem que a morte está próxima, costumam manifestar o desejo de que seu corpo seja enterrado em sua cidade natal.

Isso é natural já que a pessoa tem em sua cidade natal, amigos, familiares e lembranças felizes de sua vida. A ideia que a pessoa tem é que, se seu corpo for enterrado ali, todas as boas coisas, todas as boas lembranças serão eternizadas.

O que a Espiritualidade responde a Kardec é que isso denota um traço de inferioridade, porque a pessoa ainda deposita na matéria expectativas de felicidade que, de fato, só podem ser alcançadas através de questões espirituais.

O Espírito é livre. Ele pode ir aos lugares que lhe agradam, que lhe trazem boas lembranças; pode visitar pessoas que lhe são caras, bastando para isso sua vontade. Não é necessário que seu corpo ali esteja enterrado.

É essa falta de entendimento que a Espiritualidade chama de inferioridade moral.

a) — Deve-se considerar futilidade a reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma família?

“Não; é um costume piedoso e um testemunho de simpatia que dão os que assim procedem aos que lhes foram entes queridos. Conquanto destituída de importância para os Espíritos, essa reunião é útil aos homens: mais concentradas se tornam suas recordações.”

Kardec aqui está se referindo à prática que as famílias têm de sepultar os corpos de seus membros no mesmo túmulo ou em túmulos próximos. Ele pergunta se esse é um hábito fútil e a Espiritualidade responde que não, que trata-se de uma demonstração de piedade e simpatia para com as pessoas da família que já retornaram ao Mundo Espiritual.

A Espiritualidade também diz que, a prática em si não exerce nenhuma influência sobre os Espíritos cujos corpos ali se encontram enterrados. Mas, como esse costume estimula as boas recordações que os encarnados têm em relação aos desencarnados, então é algo que acaba se tornando benéfico aos desencarnados pois serão lembrados com mais respeito e afeto.

326. Comovem a alma que volta à vida espiritual as honras que lhe prestem aos despojos mortais?

“Quando já ascendeu a certo grau de perfeição, o Espírito se acha escoimado de vaidades terrenas e compreende a futilidade de todas essas coisas. Porém, ficai sabendo, há Espíritos que, nos primeiros momentos que se seguem à sua morte material, experimentam grande prazer com as honras que lhes tributam, ou se aborrecem com o pouco caso que façam de seus envoltórios corporais. É que ainda conservam alguns dos preconceitos desse mundo.”

Aqui nós temos que prestar atenção na pergunta de Kardec: ele está se referindo às honras prestadas ao Espírito através de seus restos mortais. Kardec não está se referindo aos bons pensamentos, às boas lembranças ou ao afeto devotado à pessoa. Ele fala de honras.

Por isso que a Espiritualidade responde que, se se trata de um Espírito livre das vaidades terrenas, essas honras de nada servirão.

Mas, em se tratando de um Espírito que ainda traz em si os traços da vaidade, essas honras causam muito prazer a ele, principalmente nos primeiros momentos após o seu desencarne.

Em contrapartida, a pouca importância ou mesmo o desprezo com os restos mortais, podem aborrecer o Espírito. Esse aborrecimento estará na proporção do orgulho e da vaidade que o Espírito ainda traz consigo.

327. O Espírito assiste ao seu enterro?

“*Freqüentemente assiste, mas, algumas vezes, se ainda está perturbado, não percebe o que se passa.*”

Eu fiquei bastante curioso com a resposta dada pela Espiritualidade pelo seguinte motivo: pelo o que conhecemos através da literatura Espírita, a grande maioria de nós, nos instantes que sucedem ao desencarne, se encontra em uma espécie de sono.

Somente Espíritos elevados tomam consciência imediata que desencarnaram. Não experimentam nenhuma perturbação por causa disso e rapidamente readaptam-se ao Mundo Espiritual.

Para a grande maioria de nós, se faz necessário algum tempo para entender e aceitar o fato de que já não vivemos mais em um corpo de carne.

Esse tempo varia de acordo com uma série de fatores: o modo de vida que a pessoa teve quando encarnada (espiritualizado ou materialista), se a vida física extinguiu-se gradativamente por uma doença ou se ela foi interrompida bruscamente por acidente, assassinato ou suicídio e por aí vai.

Seja como for, quando o enterro acontece, pouco tempo se passou desde a morte. Então, é de se esperar que o Espírito ainda esteja no período de readaptação ao Mundo Espiritual, o que teoricamente não permitiria a ele assistir ao próprio enterro.

Eu até pensei que a resposta da Espiritualidade estivesse de acordo com as tradições dos funerais da França na época em que O Livro dos Espíritos foi publicado.

Porém, fiz uma pesquisa e vi que os funerais daquela época eram bem fiéis às tradições católicas, o que significa que não eram muito diferentes dos funerais dos dias de hoje.

Alguns funerais poderiam durar até uma semana, dependendo do tempo necessário para reunir os familiares e também da condição financeira da família do morto.

Mas no geral o enterro acontecia entre 24 e 48 horas após a morte, então a resposta da Espiritualidade não foi baseada em costumes da França àquela época.

Então, embora possa parecer estranho, geralmente podemos estar presentes ao nosso enterro, embora muitas vezes não tenhamos condições de compreender o que se passa.

a) — Lisonjeia-o a concorrência de muitas pessoas ao seu enterramento?

“*Mais ou menos, conforme o sentimento que as anima.*”

Mais uma vez a Espiritualidade afirma que, o que realmente importa ao Espírito é a natureza dos pensamentos e sentimentos que as pessoas têm para com ele.

Um funeral onde haja dezenas de pessoas que realmente não se importam com o morto, nenhum benefício trará ao Espírito. Pelo contrário: pode causar perturbação a ele. Foi o que eu comentei antes sobre comparecer aos funerais por obrigação, apenas para atender a um compromisso social.

O Espírito sabe que o que nos levou ao enterro de seu corpo foi meramente uma obrigação; que não estamos ali por afeto ou preocupação com ele.

Nesse caso, nossa presença ali poderá ser prejudicial ao Espírito.

328. O Espírito daquele que acaba de morrer assiste à reunião de seus herdeiros?

“*Quase sempre. Para seu ensinamento e castigo dos culpados, Deus permite que assim aconteça. Nessa ocasião, o Espírito julga do valor dos protestos que lhe faziam.*

*Todos os sentimentos se lhe patenteiam e a decepção que lhe causa a rapacidade dos que entre si partilham os bens por ele deixados o esclarece acerca daqueles sentimentos.*

*Chegará, porém, a vez dos que lhe motivam essa decepção.*”

Pela resposta da Espiritualidade, ficamos com a impressão de que Kardec pensou em uma pergunta e acabou formulando outra.

Isso porque ele apenas perguntou se o Espírito pode presenciar a reunião de seus herdeiros. Kardec não especificou a natureza dessas reuniões, mas a resposta da Espiritualidade é dura, direta, incisiva e abrange a grande maioria dos casos de divisão de bens em heranças, ou seja, aquelas onde há discórdia e disputas.

Os amigos Espirituais dizem que, presenciar tais reuniões é como um castigo para o Espírito que partiu. Ao perceber as brigas, os atritos, as exigências que os familiares promovem em função da herança, o Espírito desencarnado sofre e tem a oportunidade de refletir sobre como acumulou os bens em vida e se educou corretamente os seus para que soubessem respeitar-se uns aos outros - e a ele próprio - no momento da partilha.

A tristeza e a decepção que decorrem dessa dura constatação servem como lição ao desencarnado, que compreende que deveria ter deixado aos descendentes tesouros e riquezas espirituais.

Claro que, nem sempre aquele que deixou a herança pode ser responsabilizado pela inconsequência dos herdeiros. Certamente que há exceções. Porém, na maioria das vezes, o esforço para o acúmulo de riquezas de ordem material empreendido pela pessoa, acaba deixando também como herança, a ganância e o apego às coisas materiais.

Mas a Espiritualidade esclarece que o momento de sofrimento, reflexão e aprendizado vai chegar também para aqueles que hoje se entregam às disputas ferrenhas e geralmente cheias de ódio.

329. O instintivo respeito que, em todos os tempos e entre todos os povos, o homem consagrou e consagra aos mortos é efeito da intuição que tem da vida futura?

“*É a conseqüência natural dessa intuição. Se assim não fosse, nenhuma razão de ser teria esse respeito.*”

Se o homem não trouxesse em si a ideia inata da continuação da vida, não haveria nenhum motivo para cultuar os mortos.

Embora sejam bastante diversas as ideias como as civilizações concebem a vida após a morte, todas elas têm em si esse ponto em comum: que algo existe, sobrevive além da morte do corpo. Mais do que isso: que o ser sobrevivente é passível de receber aquilo que os que ainda permanecem "vivos" dedicam a eles.

Podemos dizer que, a ideia da continuidade da vida é tão inata em nós quanto é a ideia da existência de Deus.